

Atualização dá prejuízos ao BC

Além de apontarem a degradação diária do cruzeiro, os valores nominais extensos dos preços obrigam o Banco Central a elevadas despesas operacionais, principalmente com a substituição de notas inutilizadas e o lançamento anual de duas novas cédulas. O Departamento de Meio Circulante (Mecir) não esconde que já está em análise a futura cédula de Cr\$ 500 mil, a ser lançada em 1993. Ainda no próximo ano, provavelmente, será criada também a cédula de Cr\$ 1 milhão.

A correspondência de preços atuais e de fevereiro de 1986 em cruzeiros é resultado de uma inflação próxima a 99.999.900 por cento no período, uma vez que o governo Sarney promoveu dois cortes de três zeros na moeda. A desvalorização galopante da moeda faz com que notas usadas a princípio em poucas transações sejam usadas, pouco tempo depois, como gorjetas em restaurantes ou troco em supermercados.

A atual cédula de Cr\$ 50 mil, por exemplo, valerá algo em torno de Cr\$ 4 mil e 600 dentro de 12 meses, com a atual inflação. O resultado é que sua circulação se tornará corriqueira, facilitando o desgaste. De acordo com técnicos do Banco Central, a vida média das notas brasileiras não ultrapassa dois anos, tendo que ser recolhidas após esse período.

Por outro lado, há outro grande prejuízo com as moedas metálicas, que são tiradas de circulação em perfeito estado, simplesmente porque seu valor fica reduzido demais para os preços da economia. Quando isto acontece, o Mecir é obrigado a recolher todo o volume de moedas, derretê-las e aproveitar o aço

Compare os valores

	Fevereiro de 86	Setembro de 92
Dólar*	Cr\$ 13.770,00	Cr\$ 5.578,30
Filé Mignon	35.750,00	19.800,00
Feijão Roxo	12.250,00	5.400,00
Cinema	20.000,00	20.000,00
Sal. Mínimo	600.000,00	522.186,94
Gasolina (litro)	4.770,00	2.990,00
Álcool (litro)	3.100,00	2.340,00

Obs. Dólar oficial para compra

para a cunhagem de novas moedas de valor superior. As próximas moedas, por exemplo, terão os valores de Cr\$ 50 e 100, em substituição às cédulas equivalentes, que serão retiradas a partir de outubro.

As distorções não param aí: a inflação faz com que os valores expressos nas moedas metálicas se tornem inferiores ao preço do seu peso em aço. Ou seja, é possível fazer um bom negócio adquirindo quilos de moedas de Cr\$ 50 e vendendo o volume como aço daqui a um ano. A desvalorização permanente das moedas causa ainda outro ônus ao Governo, obrigando a confeccionar fichas telefônicas com padrão próprio.

Lançamento — O Banco Central gasta, ainda, com os lançamentos regulares de cédulas com novos valores. Segundo o Mecir, todo o processo de preparação de novas cédulas envolve, em média, nove meses. Nesse período é concebido o desenho e as características da nota, em modelos unitários, o que encarece a produção. Segundo os técnicos, o trabalho é ininterrupto, pois logo que uma cédula é lançada, outra começa a ser preparada.

Existem complicações também na área de informática do BC, onde os técnicos calculam que mais dois anos de inflação

elevada vão forçar alterações nos mais de 15 mil programas que atendem ao Banco Central. Estes programas prevêem o registro de valores máximos de Cr\$ 999 milhões, limite mantido graças aos cortes de zeros promovidos no governo Sarney.

Hoje em dia, os valores médios operados pelo Banco Central estão na casa dos 15 dígitos, ou seja, centenas de trilhões de cruzeiros, referentes, por exemplo, aos balancetes dos bancos. No sistema *on line* que conecta o BC e as demais instituições financeiras, o Sisbacen, já existem problemas para a apresentação de resultados que precisam ficar lado a lado na tela do computador, que tem capacidade para 79 dígitos por linha, exemplificam os técnicos.

Para o sistema financeiro, o excesso de zeros traz também despesas maiores com digitadores, que perdem grande parte de seu tempo com valores extensos, e com o processo de transmissão de informações por computadores, que se torna mais lento. O grande número de zeros consome ainda partes significativas de memória dos computadores. Segundo o Departamento de Informática do BC (Deinf), os custos de um sistema *on line*, como o Sisbacen, são menores porque não há necessidade de digitadores.